

A aproximação entre arte e brincadeira refaz, portanto, o vínculo entre arte ou experiência estética e “desinteresse”, conceito-chave das estéticas oitocentistas, pois a experiência da consecução da obra de arte deve necessariamente ter seu foco nela mesma como critério de exposição de sua unidade interna, o que seria difícil caso o propósito da interação entre sujeito e objeto, forma e matéria, estivesse colocado fora da experiência. Um interesse alheio a esta, como seu deflagrador, poderia ser lido logicamente como outra experiência, o que implicaria admitir que a experiência da arte não é livre, pois subordinada a interesses exteriores a ela, o “organismo”, portanto, não interagindo livremente e em reciprocidade com o “ambiente”.

Também, o papel da crítica como instrumento de mediação, como auxiliar para a “reeducação da percepção das obras de arte”, é resgatado por Dewey com base em Kant, embora o autor descarte a função moralizadora do juízo, suas “aprovações ou desaprovações”, “classificações e condenações”. “A função moral da própria arte é eliminar o preconceito”, propõe Dewey, dirigindo também ao crítico esta função, porque acredita que o juízo verdadeiro acerca da obra artística nasce da experiência de sua recriação, como reordenação da experiência que a gerou no organismo de quem dela provar. Para que a experiência da arte seja vivenciada pelo indivíduo livre, é necessário que a considere alienada em relação à “prática da moral”, que produz as ideias de “louvor e de censura”, de “recompensa e de castigo”. Indiferente a tais ideias, a arte, ainda pensada de forma idealizada por Dewey, é colocada como uma experiência acima do bem e do mal.

MAGALI REIS *magali_rei@pucminas.br*

Professora, doutora e pesquisadora na área de educação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

LUIZ ARMANDO BAGOLIN *lbagolin@usp.br*

Professor, doutor e pesquisador na área de artes do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo

Travail et Rapports Sociaux de Sexe: Rencontres autour de Danièle Kergoat XAVIER DUZENAT ET AL. (ORG.)

PARIS: L'HARMATTAN, 2010, 277 p.

Recentemente publicada na França, esta obra homenageia a socióloga francesa Danièle Kergoat, conhecida internacionalmente por estudos teórico-empíricos sobre a divisão sexual do trabalho e as relações sociais de sexo, conceitos importantes para as ciências sociais de uma forma geral e, para a sociologia das relações de gênero, em particular. Danièle inovou o pensamento sociológico ao considerar que as relações sociais de sexo

identificam uma tensão entre os grupos de homens e mulheres que atravessa todo o campo social e que se revela permanente, quando se trata do trabalho e da sua divisão social. Nesse sentido, as relações sociais de sexo e a divisão sexual do trabalho são indissociáveis. A partir de dois princípios organizadores presentes na divisão sexual do trabalho – separação e hierarquização –, atribuem-se não só trabalhos diferentes a homens e a mulheres, mas também maior valor aos dos homens.

1 Le Rapport sociaux de sexe: de la reproduction des rapports sociaux à leur subversion. *Marx Actuel*, Paris, n.30, p.85-100, jul./dez. 2001.

Danièle Kergoat¹ compreende o trabalho, tanto na sua dimensão coletiva, em que se incluem o trabalho profissional e o doméstico, como no nível individual, como “produtor de si mesmo”, levando em conta a subjetividade. Daí a importância de estudar o trabalho, de forma relacional, na esfera pública e na doméstica, na instância coletiva e na individual e subjetiva. Os princípios de separação e hierarquização são válidos para todas as sociedades conhecidas e costumam ser legitimados por uma ideologia “naturalista”, a qual compreende que a divisão sexual do trabalho está inscrita na ordem natural da sociedade e assim deve permanecer. A argumentação da autora, ao contrário, será de que essas relações não se fundam em causas biológicas, são construções sociais e, como tal, não são imutáveis, havendo espaço para a luta coletiva e/ou individual em prol da sua transformação. Kergoat² considera as relações sociais de sexo como “paradigma das relações de dominação”, pois elas estruturam o campo social e são transversais à totalidade desse campo. Afirma que as relações sociais de sexo são consubstanciais, quer dizer, para melhor compreender a complexidade e a diversidade das práticas masculinas e femininas, as relações sociais de sexo devem ser consideradas, simultaneamente, com outras relações sociais, como as de classe, etnia, qualificação, divisão internacional do trabalho, pois todas elas, em conjunto, tecem a trama da sociedade e impulsionam sua dinâmica. Particularmente louvável é a reflexão constante sobre as relações de trabalho, de poder, de sexo e raça e sua “consubstancialidade” atual, empreendida por Danièle Kergoat em solo, ou em conjunto com algumas pesquisadoras, como Helena Hirata, a quem devemos a difusão do pensamento da autora no Brasil, como bem lembra Liliana Segnini neste livro (p. 172). As categorias analíticas “relações sociais de sexo” e “divisão sexual do trabalho” têm-se mostrado fecundas, por exemplo, para procurar compreender situações e condições de trabalho que emergiram recentemente, como o aumento dos fluxos migratórios intra e internacionais de homens e mulheres à procura de trabalho, a flexibilidade exigida de cada vez maiores contingentes de trabalhadores(as), o crescimento do nicho de trabalho de cuidados ao redor do mundo.

2 Division sexuelle du travail et rapports sociaux de sexe. In: HIRATA, Helena et al. (Org.). *Dictionnaire critique du féminisme*. Paris: PUF, 2000. p.35-44. (coll. Politique d'aujourd'hui).

Atualmente, Danièle Kergoat é pesquisadora emérita do Centre Nationale de Recherches Scientifiques – CNRS – e, como ela mesma salienta, as suas trajetórias profissional, militante e de amizade se cons-

truíram de forma orgânica e indissociável. Em 1983, Danièle Kergoat inovou ao criar um laboratório no CNRS, cujo eixo central de pesquisa era o gênero ou as relações sociais de sexo, o Groupe d'études sur al division sociale et sexuelle du travail – GEDISST – desde janeiro de 2010, denominado Centre de recherche sociologique et politique de Paris, equipe Genre, Travail, Mobilités – CRESPPA-GTM. As quase 30 contribuições do livro trazem olhares diversificados sobre a rica trajetória de Danièle Kergoat e são escritos por ex-alunos(as), pesquisadores(as) franceses e estrangeiros. O livro se divide em sete partes. Na primeira parte, Relações sociais de sexo, Philippe Zarifian, Xavier Duzenat, Elsa Galerand e Nicky Le Feuvre discutem o conceito de relação social e o caráter heurístico do conceito de relações sociais de sexo. Em Divisão sexual do trabalho, a segunda parte, Odile Chenal, Jacqueline Martin, Roland Pfefferkorn discorrem sobre a formação desse conceito nos anos 1970, relacionado às análises de Danièle Kergoat sobre a heterogeneidade da classe operária³ e sobre o interesse que despertou, no início dos anos 1980, entre os pesquisadores franceses que trabalhavam com as categorias de sexo. Na terceira parte, Trabalho e subjetividade, os artigos se reportam à abordagem do trabalho e do gênero que Daniele faz em sua obra por meio da dimensão da subjetividade. Contribuem com suas reflexões, Françoise Bloch, Helena Hirata e Pascale Molinier. As múltiplas trocas interdisciplinares de Kergoat com a psicodinâmica do trabalho, a psicossomática e a ergonomia são comentadas por Christophe Déjours, Marie Pezè e Catherine Teiger, em Cruzando disciplinas, a quarta parte⁴. Além das fronteiras, a quinta, traz contribuições de pesquisadores estrangeiros que refletiram e pesquisaram sobre as questões da atividade, do trabalho e da divisão sexual do trabalho, como a brasileira Liliana Segnini, a búlgara Kátia Vladimirova, a mexicana Sara Lara e as canadenses Karen Messing e Ana Maria Seifert. Na sexta parte, Resistir, Marie-France Cristofari, Josette Trat, Gisèle Moulié e Suzy Rojzman discutem a participação da homenageada nos movimentos feminista e sindical e, finalmente, a última parte, Transmitir, ilumina uma dimensão essencial do legado de Danièle, como professora e formadora (Jacqueline Heinen e Emmanuelle Lada) e como mãe (Prisca Kergoat). O livro ainda apresenta a homenagem poética de Jacques Jenny no Epílogo e uma listagem dos escritos e de outras contribuições de Daniele Kergoat, organizada por Françoise Pujol.

Estudantes e pesquisadores brasileiros esperam que uma versão em português deste livro não tarde.

MARIA ROSA LOMBARDI mlombard@fcc.org.br

Socióloga e pesquisadora das relações de trabalho e de gênero, profissões tecnológicas, do Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas

3

Bulledor ou l'histoire d'une mobilisation ouvrière. Paris, Seuil, 1973. (coll. Esprit/La cité prochaine); *Les Ouvrières*. Paris: Sycomore, 1982.

4

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Rapport et psychopathologie du travail. In: DEJOURS, C. (Org.). *Plaisir et souffrances dans le travail*, 2. Paris: Psy. T.A., CNAM, 1988. BOUTET, Josiane; KERGOAT, Danièle. Dialogue interdisciplinaire. In: DRIGEARD, Gabrielle; FIALA, Pierre; TOURNIER, Maurice. *Courants sociolinguistiques*. Paris: Klincksieck, 1989, p.9-19.